



Climate change e as novas estratégias empresariais do século XXI

Com o mundo em evolução constante, a adaptação das empresas às novas tecnologias e aos novos meios de funcionamento é essencial. O século em que vivemos, principalmente, tem tido uma evolução bastante dinâmica e acelerada. Com isto, as empresas viram-se no dever de satisfazer os seus clientes e de se adaptarem à nova sociedade. Uma sociedade que valoriza como e onde é que o produto é fabricado, que impacto tem a empresa para o meio ambiente e que esforços estão a ser realizados para diminuir a pegada ecológica e para evitar o climate change.

Julho de 2020

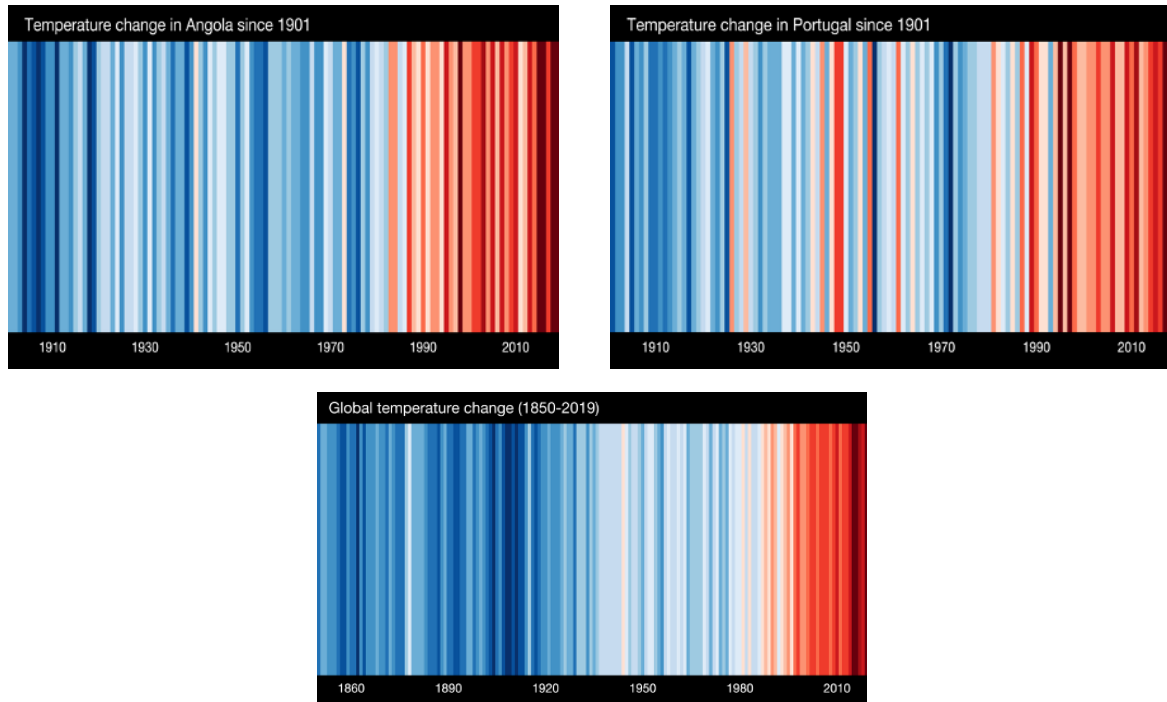
Com o mundo em evolução constante, a adaptação das empresas às novas tecnologias e aos novos meios de funcionamento é essencial. O século em que vivemos, principalmente, tem tido uma evolução bastante dinâmica e acelerada. Com isto, as empresas viram-se no dever de satisfazer os seus clientes e de se adaptarem à nova sociedade. Uma sociedade que valoriza como e onde é que o produto é fabricado, que impacto tem a empresa para o meio ambiente e que esforços estão a ser realizados para diminuir a pegada ecológica e para evitar o *climate change*. Toda esta situação e mudança de condições impostas às empresas, fez com que as mesmas tivessem de desenhar novas estratégias para satisfazerem um maior número de clientes.

Objectivos estão a ser estipulados por bastantes empresas para combater o climate change. Mas serão estes objectivos o suficiente para impedir o aquecimento global de nos trazer consequências irreversíveis? Estaremos a fazer o melhor para travar esta situação?

Vários cientistas estimam que, ao limitar o aquecimento global até 1,5 graus Celsius, o risco de danos irreversíveis iria diminuir. Apesar de haver dados analíticos que expliquem como é que as emissões de CO2 teriam de evoluir para cumprir com o objectivo, poucos analistas conseguem demonstrar de uma forma clara e congruente que acções seriam necessárias para chegar lá. Quanta reflorestação seria necessária para conseguir obter este resultado? A sua obtenção seria possível, a mudança é que teria de ser dramática para alcançar estes resultados num período minimamente curto. Os próximos 10 anos teriam de ter cortes bastante rígidos e teríamos de começar agora. E sem dúvida que só com a tecnologia e a regulação seria possível esta mudança.

Nas imagens seguintes é possível analisar a mudança da temperatura média anual, a partir de 1970 em diante. Estes gráficos são de fácil de leitura pois equivalem a códigos de barras, onde o azul escuro representa a estabilidade de temperatura, seguindo-se o azul claro que representa uma mudança, mas não drástica. Quando chegamos ao vermelho, o claro representa uma mudança preocupante, mas reversível, enquanto o escuro representa perigo para os ecossistemas. Estes gráficos foram criados pelo cientista Ed Hawkins com o propósito de unir este tema com as redes sociais para que as pessoas se apercebessem do impacto que as acções humanas têm e de que uma mudança é necessária.

A evolução em Portugal foi bastante mais acentuada do que em Angola apesar de Angola já ter alguns níveis de risco há mais tempo.



Fonte: <https://showyourstripes.info>

Cada vez mais vão existindo novas tecnologias para reduzir as emissões de CO₂. Uma das mais impactantes tecnologias é a captura, uso e armazenamento de carbono (CCUS). Este método tem uma redução considerável da concentração das emissões de carbono na atmosfera. Este método continuaria a implicar a redução das emissões por outros meios. Fomentar o recurso às energias renováveis, como por exemplo, solar e eólica e proceder à reflorestação é uma forma eficaz de tentar reduzir o impacto ambiental, apesar de serem todos métodos de médio e longo prazo. O transporte rodoviário empresarial, preferencialmente, deveria passar a ser eléctrico e ser efectuado fora das horas com mais congestionamentos. Iria reduzir o tráfego, os custos e o tempo desperdiçado.

Estas mudanças também impactariam o capital natural. Este tem sofrido bastantes alterações devido ao abuso humano de produtos poluentes e que alteram as condições ambientais. Estão em risco suplementos naturais tais como a água, a comida, a madeira, etc. As empresas são responsáveis por grande parte desta mudança, tendo agora de contribuir também para contrariar esta tendência.

Por consequência das atitudes perturbadoras para com o meio ambiente por parte do ser humano, está a suceder-se uma mudança do clima. O *climate change* vem contribuir para o aumento deste esgotamento. As mudanças drásticas da temperatura média da superfície terrestre e da temperatura média da água, as condições de precipitação, o conteúdo de oxigénio e a acidez da água são acelerados pelo mesmo, a uma velocidade que não permite ao sistema ecológico se adaptar, tornando-se praticamente impossível o equilíbrio do capital natural. O tempo que o ser humano demora a adaptar-se a novas regras e condições não é rápido o suficiente para conseguir um controlo

constante dos ecossistemas.

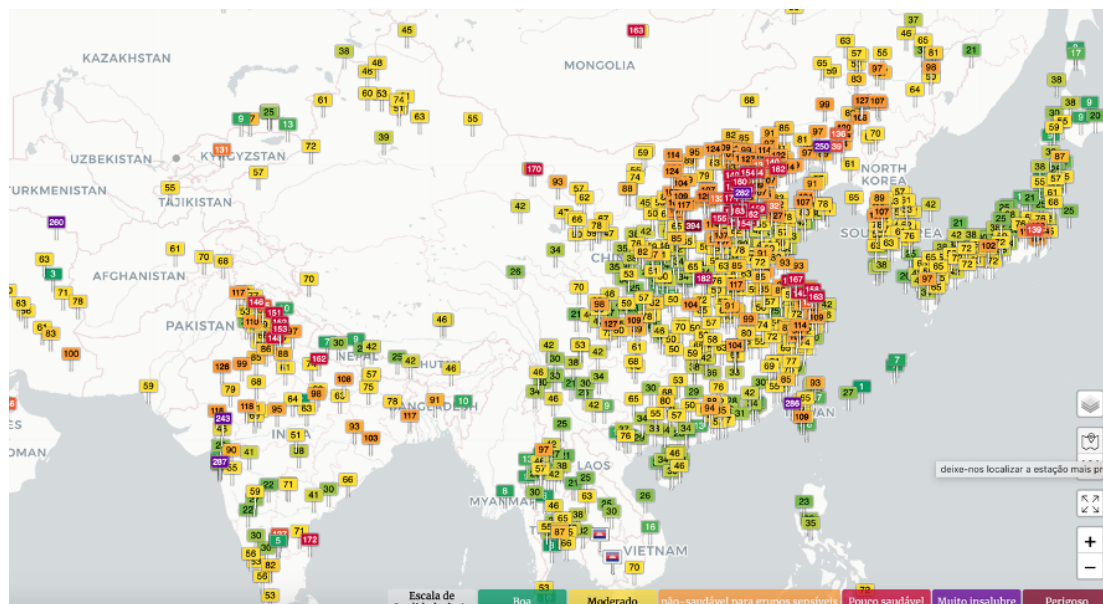
Medir o quão bem ou mal as nossas acções de forma isolada estão a produzir resultados é complicado e tentar travá-lo também. Continua a haver falhas no sistema económico que faz com que o PIB continue a ter em conta apenas os lados positivos do capital natural. A deflorestação e a poluição marítima são exemplos de situações que prejudicam o capital natural, mas que não são tidas em conta em termos económicos. Ao excluir a perda de valor sofrida por este capital natural faz com que menos medidas sejam tomadas pelo sector industrial, e quando tomadas, a sua aplicação não seja tão rígida.

Os ecossistemas mais afectados são as florestas, os glaciares e os oceanos. Com todas estas mudanças repentinas, os ecossistemas já estão a alertar que uma mudança é necessária. Devemos ter em conta também a quantidade de pessoas que dependem directamente destes para a sua sobrevivência e da quantidade de espécies que entrarão em extinção se não houver uma travagem drástica no consumo inadequado e uma evolução, num futuro sustentável e o mais natural possível. Ao existir por parte das empresas um desejo de sustentabilidade para coincidir com as necessidades dos ecossistemas, a população começará também a ficar mais alerta e a mostrar, cada vez mais, uma vontade de mudança.

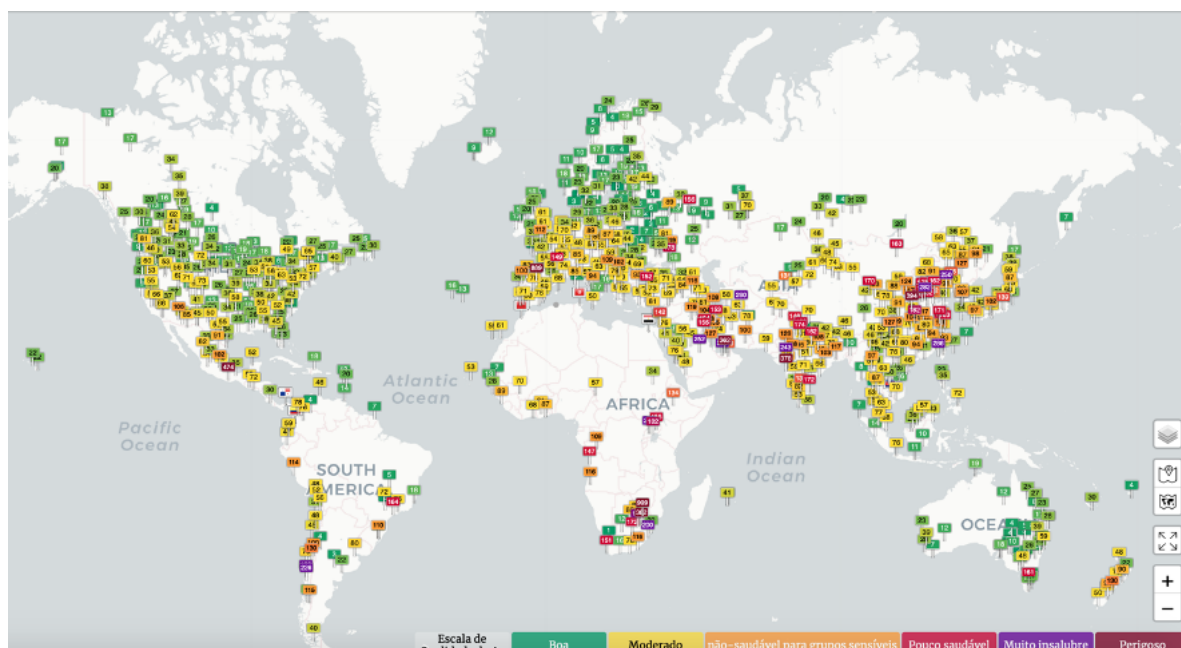
Um exemplo claro de um país que necessita de mudar e apostar numa indústria sustentável é a China. No gráfico que se segue é possível visualizar a quantidade de poluição atmosférica causada pelo mesmo país e fazer uma comparação com resto do mundo.

O Project *World Air Quality Index* é o índice de Qualidade do Ar. É baseado na medição de material particulado (PM2.5 e PM10), Ozono (O3), Dióxido de Nitrogénio (NO2), Dióxido de Enxofre (SO2) e emissões de Monóxido de Carbono (CO). O gráfico tem bastante cor. O verde representa uma boa qualidade do ar, o amarelo moderado, o laranja não é saudável para grupos sensíveis, o vermelho é pouco saudável, o roxo muito insalubre e o bordeaux é perigoso.

Na primeira imagem, podemos ver que a China contém um ar muito poluído que é prejudicial para a saúde da população. O predominante é a cor amarela, tem uma qualidade de ar moderada, mas tem bastantes localidades na zona vermelha, pouco saudável.



De forma comparativa, é possível ver na segunda imagem que o resto do mundo apresenta vários valores moderados e alguns pouco saudáveis. A China representa o país com pior qualidade de ar, pior que a América até.



Fonte: <https://waqi.info/pt/#/c/28.353/86.181/4.4z>

Miranda de Ebro II, Burgos, em Espanha, é a localidade com maior nível poluição atmosférica na Europa, cotada como perigoso. A China tem bastantes regiões com valores perigosos. As localidades com boas condições atmosféricas são muito poucas. Já na Europa a predominância é de poluição atmosférica boa e moderada. Em África a são poucas as regiões monitorizadas, mas as que são têm valores bastante elevados sendo Capricorn, na África do Sul a localidade mais poluída. A extracção

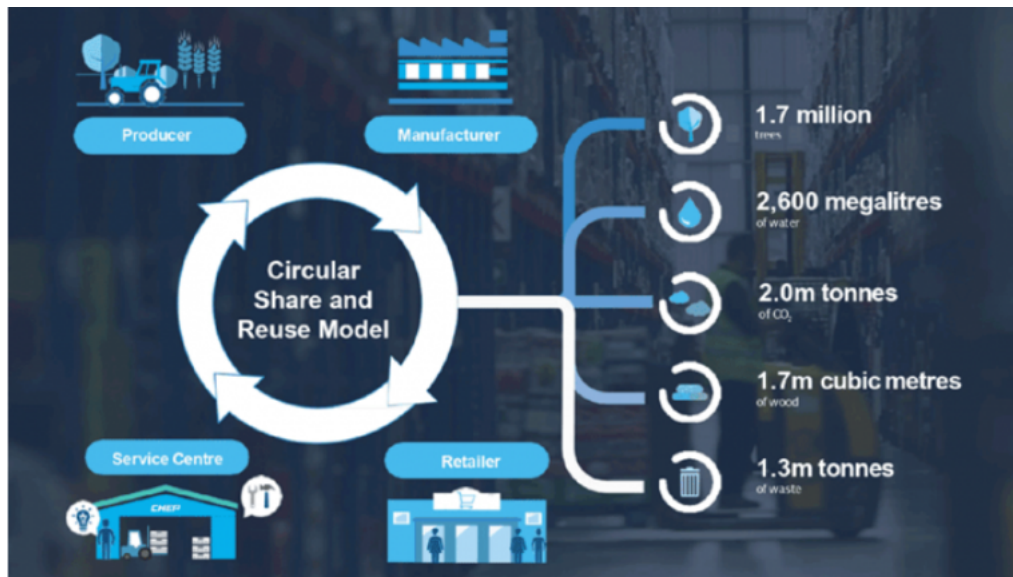
de recursos naturais é o factor com maior impacto nesta região, fazendo com que a qualidade do ar seja preocupante.

A Organização Mundial de Saúde revelou que nove em cada dez pessoas respiram ar poluído e contaminado. Relatórios da OMS apontam para a morte de sete milhões de habitantes por causas directamente relacionadas com a poluição. Apesar das mudanças feitas até agora para esta redução, os valores apenas estabilizaram. É necessário continuar a evoluir para o alcance mais rápido e eficaz da sustentabilidade mundial e continuar a reduzir o máximo possível a pegada ecológica.

Sem sustentabilidade, alcançar qualquer objectivo directamente relacionado com este tema seria impossível. Na década de 1960, o *Green Revolution* fez com que começasse a existir mais investimento no sector primário. Desde então que o sector primário está a deparar-se com níveis de emissões de gás bastante elevados. A pesca, por exemplo, é uma das actividades com mais desperdício, o que leva à extinção dos animais. Derivado a estes problemas, foi necessária a implementação de um tamanho mínimo para as redes de pesca, de forma a evitar a captura de peixes ainda em crescimento. O sector da pecuária sofre dos mesmo problemas. O desenvolvimento de novas tecnologias para a redução do desperdício é necessário para um sector mais sustentável.

A sustentabilidade começa também por uma redução dos produtos químicos que são utilizados na agricultura. Cada vez mais há a preferência de produtos biológicos, ou pelo menos nacionais por parte da população. Esta nova procura pode incentivar o sector a inovar para aumentar a satisfação do cliente, criando mais postos de trabalho e fazendo com que a produção interna aumente em contrapartida de uma diminuição das importações. Ao produzirmos de forma sustentável estamos também a dar um exemplo aos outros países.

A empresa Brambles foi considerada a empresa mais sustentável do mundo. Teve o melhor resultado no índice de sustentabilidade *Dow Jones da Barron's*. É uma empresa de cadeia de abastecimentos e opera em mais de 60 países que opera com um modelo circular, modelo este que evita o desperdício fazendo com que seja mais fácil a partilha e reutilização de paletes e contentores.



Algumas empresas portuguesas também se redefiniram de forma a serem mais sustentáveis e a harmonizar um mundo mais verde. A EDP também está entre as empresas mais sustentáveis do mundo. O "The Sustainability Yearbook 2020", criado em parceria com a Robeco SAM, afirma que a EDP é a empresa portuguesa mais sustentável, com pontuação 90. A empresa, inclusive, recebeu uma medalha de ouro e está entre as 10 empresas mais sustentáveis. A Galp, o Banco Comercial Português e a Jerónimo Martins são empresas que estão bastante bem classificadas. Os critérios para o ranking consistem na análise de 4.710 empresas de 61 sectores de diferentes partes do mundo. Para os resultados finais, houve uma avaliação dos critérios económicos, ambientais e sociais.

A EDP tem, inclusive, um plano minucioso para o cumprimento dos objectivos estipulados para 2030 em alinhamento com os vários ODS das Nações Unidas.

Novas formas empresariais estão a ser desenvolvidas para que seja possível uma vivência mais agradável e sustentável. As empresas cada vez mais mostram vontade de se revolucionarem e há bastantes projectos e objectivos criados pelas mesmas com vista nestes tópicos abordados. A mudança já começou, mas será que ainda vamos a tempo?

Este documento foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda.

Autor da publicação:

Mafalda Veloso, Estagiária

Email: mafalda.veloso@easypeople.pt

Publicação completa a 28 de Julho de 2020, 09:00 (GMT+1)

Publicação divulgada a 29 de Julho de 2020, 12:00 (GMT+1)

Esta Publicação é divulgada somente pelo site da Kitambo Business Consulting.

Para mais informações visite www.kbc.co.ao



KITAMBO BUSINESS CONSULTING

Esta publicação de pesquisa foi preparada pela Kitambo Business Consulting, Lda. Este é fornecido apenas para fins informativos e não deve ser considerado como uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra ou venda de instrumentos (ou seja, instrumentos financeiros aqui mencionados ou outros interesses no que diz respeito a tais instrumentos financeiros).

A publicação de pesquisa foi preparada de forma independente e exclusivamente com base em informações disponíveis publicamente que a Kitambo Business Consulting considera confiáveis. Apesar de ter sido tomado um cuidado razoável para assegurar que o seu conteúdo não é falso ou enganoso, não é feita nenhuma representação quanto à sua exactidão ou integridade sendo que a Kitambo Business Consulting não assume qualquer responsabilidade por qualquer perda directa ou consequential, incluindo, sem limitação, qualquer perda de lucros, decorrente da confiança neste relatório de pesquisa.

As opiniões aqui expressas são as opiniões dos analistas responsáveis pela elaboração da publicação de pesquisa e reflectem o seu julgamento de acordo com a data deste documento. Estas opiniões estão sujeitas a alterações e a Kitambo Business Consulting não se compromete a notificar qualquer destinatário desta publicação de tais alterações nem de quaisquer outras alterações relacionadas com as informações fornecidas aqui. A KBC não se responsabiliza por qualquer perda de qualquer pessoa com base nesta publicação.

A KBC é uma empresa de consultoria de gestão, fundada em Angola e conhecedora do mercado africano. Para mais informações visite www.kbc.co.ao